

Patrimonialiser la mémoire diasporique

Axe 1 – Produire en situation de diaspora et produire sur les diasporas

AUTEUR

Gonçalo Brito Graça (PIUDHist; CEHR – UCP)

TITRE

Entre l’Océan Indien et l’Atlantique : l’introduction du scoutisme ismaélite dans l’empire portugais (1930-1942)

RESUME

La communication que je propose concerne la genèse des groupes ismaélites dans l’associationnisme scout impérialo-portugais, un champ de l’éducation inexploité. Dans les années 1920-1930, les boy-scouts ont eu une large projection en Inde Portugaise, surtout dans le milieu enseignant, en effet cela permettait une concentration des chemins du citoyen exemplaire (celui qui travaille, lutte et meurt pour la Patrie) et, dans le cas présent, celui du musulman dévot. En tant que mouvement éducatif spécifique, qui englobait diverses croyances religieuses, les groupes ismaélites ont eu recours à un modèle d’expansion écuménique, et chacune des instances officielles associatives ont promu leurs activités dans les formes les plus diverses, d’abord à Goa et, ultérieurement, au Mozambique. L’objectif est d’observer la mise en place de ces groupes asiatiques de l’Océan Indien, dans la période chronologique entre 1930 et 1942, qui correspond à l’introduction du scoutisme en Inde Portugaise, et se termine avec l’absorption et l’extinction de ces derniers par la *Mocidade Portuguesa*¹, le plus grand représentant de la politique juvénile de l’*Estado Novo*. L’analyse des journaux et la documentation interne révèlent des réseaux sociaux des groupes de l’*Aga Khan* avec d’autres organisations transnationales, permettant en 1976, déjà dans la phase post-coloniale, que certains éléments mozambicains récupèrent le groupe ismaélite disparu de Lourenço Marques et le rouvrent à Lisbonne (quartier des Laranjeiras), l’actuel Groupe 36 de l’Association des Scouts de Portugal.

MOTS-CLES

Scouts ; Inde ; Mozambique ; Portugal ; Ismaélites.

¹ *Jeunesse Portugaise*, organisation créée en 1936 par le régime salazariste, l’*Estado Novo*.

Patrimonialiser la mémoire diasporique

Axe 1 – Produire en situation de diaspora et produire sur les diasporas

AUTOR

Gonçalo Brito Graça (PIUDHist; CEHR – UCP)

TITULO

Entre o Índico e o Atlântico. A introdução do escotismo ismaelita no império português (1930-1942)

RESUMO

A comunicação que proponho apresentar ao Terceiro Simpósio Internacional do Projecto “Pensando Goa” aborda a génese dos grupos ismaelitas no associativismo escotista imperial-português, um campo educacional ainda por explorar, e integra-se no “Eixo 1 – Produzir em situação de diáspora e produzir sobre as diásporas”. Nas décadas de 1920/1930, os escoteiros tiveram uma grande projecção na Índia portuguesa, sobretudo no meio docente, pois permitia a concentração dos caminhos do cidadão exemplar (aquele que trabalha, luta e morre pela Pátria) e, no presente caso, o de muçulmano devoto. Por ser um movimento educativo específico, que englobava diversas confissões religiosas, os grupos ismaelitas recorreram a um modelo de expansão ecuménico, e os respectivos órgãos oficiais associativos promoveram as suas actividades nas mais diversas formas, primeiro em Goa e, posteriormente, em Moçambique. Pretende-se observar o estabelecimento destes grupos índico-asiáticos, no período cronológico entre 1930 e 1942, que corresponde à introdução do escotismo na Índia Portuguesa, e termina com a absorção e extinção dos mesmos pela *Mocidade Portuguesa*, expoente máximo da política juvenil do Estado Novo. A análise dos periódicos e documentação interna revelam redes sociais dos grupos do *Aga Khan* com outras organizações transnacionais, o que permitiu que, em 1976, já numa fase pós-colonial, alguns elementos moçambicanos resgassem o extinto grupo ismaelita de Lourenço Marques e o abrissem na cidade de Lisboa (bairro das Laranjeiras), o actual Grupo 36 da Associação dos Escoteiros de Portugal.

PALAVRAS-CHAVE

Escoteiros; Índia; Moçambique; Portugal; Ismaelitas.